

Universidade pública & iniciativa privada: os desafios da UNICAMP diante da globalização

Public university and private initiative: the challenges of globalization facing UNICAMP

Sidney Reinaldo da Silva*

* Filósofo graduado pela PUCCAMP. Mestre e Doutor em Filosofia Política pelo IFCH da UNICAMP. Pós Doutor em Filosofia da Educação pela FE da UNICAMP. Docente e Pesquisador do PPG em Educação da UTP. Autor dos livros 'Formação Moral em Rawls, publicado pela Editora Alínea, 2003 e 'Instrução Pública em Condorcet' editado pela Autores Associados, 2004.
e-mail: sreinald@uol.com.br

ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de¹. Universidade pública & iniciativa privada: os desafios da UNICAMP diante da globalização. Campinas: Átomo e Alínea, 2003.

Nas últimas décadas, as Universidades Públicas do País sofreram profundos impactos estruturais gerados por políticas governamentais a elas desfavoráveis, desenvolvidas em fins dos anos 80, com a breve e desastrosa passagem do governo Collor, e aprofundadas ao longo dos idos de 90, por intermédio de dois lamentáveis mandatos econômico-liberalizantes do governo Fernando Henrique.

Assiste-se, igualmente, à progressiva erosão do volume de recursos públicos destinados ao financiamento das universidades públicas, gerando, entre inúmeros efeitos danosos, o minguar de verbas dirigidas

à contratação de novos docentes, quer para o atendimento minimamente adequado ao crescimento quantitativo e qualitativo de cursos e alunos – há muito sob fortes pressões sociais de expansão – quer para a reposição paritária das vagas geradas por aposentadorias, óbitos, desligamentos voluntários e, especialmente, em consequência da sessão de docentes para outros órgãos do Estado, por tempo indeterminado (coloquialmente falando, trata-se daqueles que vão, nunca retornam, tampouco dão notícias e ainda continuam a figurar no quadro da instituição, aprofundando o déficit docente estrutural real. O que não é raro...).

¹ Pedagoga e Historiadora, Mestre e Doutora em História, Filosofia e Educação pela FE da UNICAMP. Pós Doutoranda do Departamento de Política, Ciência e Tecnologia. Pesquisadora da USP campus de Piracicaba e do GEPES / FE da UNICAMP. Docente Pesquisadora do PPGE da UNIPLAC. Autora de vários livros publicados pela Editora Alínea. www.atomoealinea.com.br. E-mail: malu04@uol.com.br

Nesse contexto histórico, Maria de Lourdes Pinto de Almeida, a nossa Colega Malu Almeida, discute em seu livro a relação da Universidade Pública com o Setor Produtivo. Nesse ambiente de pesquisa praticamente abandonado pelo Estado Liberal, a universidade pública sofre a cada dia que passa, maior pressão do Mercado e da Sociedade Globalizada.

É importante destacar que a relação da universidade pública com a empresa pode ser abordada em função do problema do estatuto social da ciência, isto é, as normas que regulamentam as origens e os fins da produção do conhecimento.

Malu Almeida faz um debate sobre as diretrizes básicas que têm prevalecido nessa relação, da Pesquisa elaborada na Universidade Pública com a iniciativa privada. Segundo a autora, o primeiro refere-se ao modelo “mertoniano”. O segundo recebe a denominação de “science pushed”. Por fim, tem-se o modelo “universidade globalizada”. Podemos afirmar então que, na discussão elaborada por Malu, trata-se de ethos acadêmicos que propõem princípios e valores diferentes para a atividade científica, definindo, portanto, o que vem a ser pertinente para as pesquisas. No primeiro caso, a ciência é índice de si mesma; nos outros dois, ela tem um referencial externo. Tais referenciais dizem respeito às fontes de financiamento da ciência, podendo ser tanto o setor público (como no modelo science pushed) quanto o privado (como ocorre no modelo universidade globalizada). No modelo mertoniano a ciência é instituída como um bem em si e como tal receberia o apoio financeiro da comunidade. O modelo

science pushed caracteriza-se pela forte presença do Estado no direcionamento das pesquisas, privilegiando sobretudo empreendimentos científicos ligados aos setores bélicos. O setor público enquanto agente impulsionador do progresso e da defesa nacional privilegia as linhas de pesquisa conforme os interesses do Estado, ao passo que, de acordo com o modelo globalizado, o mercado tem se revelado como agente capaz de direcionar as pesquisas conforme o fluxo ou o caos da concorrência. Assim, os investimentos privados em pesquisas influenciariam o desenvolvimento de projetos que, em curto prazo, atendessem às necessidades de inovação de produtos e processos nas empresas.

Para a autora, a relação entre esses modelos não é de exclusão, mas de complementação. Daí então a importância de uma Universidade Plural. Contudo, para Malu Almeida, a pluralidade significa privilegiar certas opções políticas, como a defesa dos interesses nacionais e da eliminação da excelência social. Trata-se de critérios que definiram o caráter público da Universidade, o seu compromisso social, que evita a sua submissão apenas aos ditames do mercado. A estatização da universidade lhe garante a capacidade de manter a sua pluralidade permitindo a coexistência da ciência como bem em si, como meio para implementar o mercado e promover o interesse nacional social.

Uma Universidade Pública é plural se estiver aberta para as mais diversas tendências de pesquisa, bem como de relação com o governo, o mercado e a população excluída da participação no mercado e na

política. Malu especifica que há uma relação entre a ciência pura e a aplicada, havendo entre elas uma influência mútua ou de duas mãos. Por outro lado, também, a relação entre o setor público e o privado não se apresenta separada, disjuntiva: ou Estado ou Mercado. O Estado, nas sociedades liberais, está sempre a serviço do mercado. Historicamente, quando o Estado tornou-se o principal fomentador da ciência, dirigindo os rumos das pesquisas, ele estava agindo, conforme o modelo de “science pushed”, ainda de acordo com os interesses do capital, garantindo a expansão e a segurança dos mesmos. Com a globalização, o capital multinacional não prescindindo, de certo modo, dos governos ou dos Estados-Nação, vendo mesmo nestes mais um empecilho para sua livre expansão, passa a privilegiar o modelo de “universidade globalizada”, em que a academia tende a desenvolver projetos interligados diretamente com as empresas. Conforme tal modelo, as universidades passariam a se ajustar às necessidades do mercado, ao mesmo tempo em que descuidariam das pesquisas puras, bem como das áreas acadêmicas que não atendessem imediatamente ao capital ou mesmo opostas a seus interesses. Contudo, mesmo que a Universidade torne-se uma “peça da engrenagem do mercado” o investimento público será sempre necessário, pois dificilmente as empresas investirão em pesquisas puras, cujas aplicações são incertas.

A partir de entrevistas com pesquisadores da Unicamp, principalmente dos departamentos mais envolvidos com pesquisas conveniadas com as empresas, Malu

propõe e discute a tese de que um modelo de relação da ciência com a sociedade não suplantaria o outro conforme uma férrea lógica histórica, de modo que um passa a substituir o outro, mas que eles existem como tendências dentro da academia. O que decide a prevalência de uma tendência sobre a outra são as configurações dos interesses econômicos, ou seja, as necessidades inerentes ao sistema de produção. Assim no sistema de produção capitalista, essas tendências obedecem ao imperativo da expansão do capital, do controle da força de produção e, portanto, da garantia da expropriação da força de trabalho. Nesse sentido, afirma a autora que é o interesse da classe hegemônica que passa a prevalecer e define a tendência da academia. A transformação no interior da Academia, principalmente no que se refere às políticas de pesquisa e passagem do modelo “mertoniano” para o de ciência “interessada”, tanto na modalidade do “science pushed” quanto da “universidade globalizada”, constitui-se num processo de embate hegemônico em que os “intelectuais” enquanto “condutores e organizadores” enfrentam-se a fim de influenciar o ordenamento da universidade conforme as classes que representam.

No primeiro capítulo, Malu apresenta um quadro histórico da relação da Unicamp com as empresas diante das políticas de ciência e tecnologia nacional. Trata-se de um ponto de partida para uma análise da questão da pesquisa aplicada efetuada na Unicamp. A Unicamp foi criada visando o desenvolvimento do parque industrial da região, buscando atendê-lo das

mais diversas formas, desde a preparação de mão-de-obra especializada, até a prestação de serviços voltadas para a adaptação de tecnologias importadas, e também com o desenvolvimento de convênios de pesquisa, sobretudo com as empresas estatais. A privatização afeta profundamente a dinâmica dos programas de pesquisa e as parcerias da universidade com a empresa. Veremos como as transformações da economia mundial, denominadas globalização, afetam as relações da academia com a sociedade. Isso se refletirá na própria concepção de pesquisa científica aplicada presente entre os pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas.

No segundo capítulo, a autora procura mostrar as principais transformações históricas verificadas nas últimas décadas, a fim de contextualizarmos as transformações pelas quais o estatuto social da ciência tem passado e o reflexo dessas mudanças na universidade pública. Ela discute como a hegemonia liberal passa a direcionar as instituições públicas nos mais diversos níveis. As novas tendências econômicas da “sociedade da informação” configurada em rede, ao mesmo tempo em que depende da universidade enquanto fonte do conhecimento tende a reduzir esta como uma mera peça dentro da engrenagem do mercado assim, a universidade torna-se mais um nó interagindo com os demais domínios ou nós. No terceiro capítulo, a autora discute a relação entre a ciência e a

técnica e alguns modelos de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) que nos forneceram um quadro conceitual para analisarmos as possibilidades de delimitação do público e do privado na relação da universidade pública com o setor empresarial. Com as mudanças econômicas do cenário mundial, esses modelos tendem a ser usados para interpretar a vida acadêmica e as diretrizes mais amplas para as políticas de financiamento da pesquisa científica.

No último capítulo, Malu discute uma nova abordagem da Unicamp, indicando aspectos de sua relação com o setor público e o privado. Nesse capítulo, é analisada a relação da Unicamp com a empresa e os esforços de se ampliar e controlar essa relação. Trata-se de uma discussão baseada em entrevistas com destacados pesquisadores de departamentos diversos, das Faculdades de Engenharia e de Institutos, como o de Física, Química e Biologia, envolvidos com pesquisas aplicadas. Para a autora, as várias tendências apresentadas no interior da academia, que de certo modo dividem os pesquisadores acadêmicos no que se refere à relação da Unicamp com a empresa, são controvérsias fortemente marcadas pelas mudanças no cenário econômico mundial. Essa divisão na perspectiva dos acadêmicos reflete, sobretudo, os interesses dos pesquisadores, tanto no que concerne aos benefícios econômicos dos mesmos, quanto no que se refere às suas preocupações maiores com a sociedade civil.

Recebido em 30 de julho de 2007.

Aprovado para publicação em 02 de agosto de 2007.